



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Sociologia

Mulher no sector informal e práticas que propiciam a reafirmação do género: caso mukheristas do Mercado Grossista do Zimpeto

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Emanuel Jerace Richate

Supervisora:

PhD. Rehana Capurchande

Maputo, Outubro de 2017

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Sociologia

**Título: Mulher no sector informal e práticas que propiciam a reafirmação do
género: caso de mukheristas do Mercado Grossista do Zimpeto.**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Por

Emanuel Jerace Richate

Supervisora:

PhD. Rehana Capurchande

Outubro de 2017

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Mulher no sector informal e práticas que propiciam a reafirmação do género: caso mukheristas do Mercado Grossista do Zimpeto.

Emanuel Jerace Richate

(Autor)

O Júri:

(O presidente)

(O supervisor)

(O oponente)

Declaração

Eu, Emanuel Jerace Richate, declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para obtenção de qualquer grau acadêmico e que constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes utilizadas.

O autor

Emanuel Jerace Richate

Dedicatória

Dedico esta monografia à minha família, em especial aos meus pais, **Jerace Richate** e **Maria de Lurdes Ganhane**, por terem acreditado no meu potencial custeando toda minha formação acadêmica. Seria injusto da minha parte me esquecer de toda atenção, todo amor e dedicação que me prestaram despertando em mim o sentido profundo de dignidade humana. Aos meus irmãos José Ganhane, Tinashe Richate, Richate Jerace e Mauro Jerace pelo apoio moral e psicológico que me prestaram acima de tudo nos dias maus.

Agradecimentos

Agradeço a Deus acima de tudo pela vida que me deu. À Ele, devo toda minha existência.

O meu muito obrigado vai à minha supervisora, Professora Dra. Rehana Capurchande pelo tempo e compreensão dedicados ao longo do trabalho. Agradeço sobretudo pela disponibilidade e atenção dispensadas para que pudesse realizar este trabalho. Sou grato pela orientação teórico-metodológica e a forma sábia que tratou a inexperiência que não poucas vezes mostrei. Sem nunca antes a conhecer e ter estado com ela numa sala de aulas ao longo do curso, recebeu-me e tratou-me com muita consideração, aceitando guiar meus passos na efectivação deste trabalho. Suas críticas e pontuais observações foram muito úteis para o conteúdo deste trabalho. Obrigado por tudo professora.

Agradeço também a minha avó, Rosa Ganhane que insistia e fazia questão que depois das aulas eu passasse de sua casa e tomasse uma refeição, obrigado vovó. Aos meus tios Nelson Ganhane, Odete Macie (minha confidente) e Aida Ganhane pelo apoio moral que me dedicaram durante o curso. A eles vai o meu muito obrigado.

Os meus agradecimentos são extensivos à turma de Sociologia de 2013, pelos momentos únicos e memoráveis que juntos tivemos. Foi um privilégio tê-los como colegas de turma, levo-os comigo no coração para vida inteira. Em especial, agradeço aos meus companheiros de trincheira Bernardo Manhique, Danilson Goca, Miguel João, Said Chipa e Telmo Osumane. Seria muito ingrato da minha parte não mencionar a minha elevada estima por eles. Foram mais que amigos e colegas de grupo, são meus irmãos. Obrigado pelas críticas, pelo companheirismo, pela solidariedade e irmandade, pois sempre que possível me ajudaram, seu apoio foi notório e isso para mim é de valor inestimável.

Quero também agradecer aos meus amigos João, Valter, Tadeu e Mateus pelas diferentes formas que me ajudaram. À minha juventude Cristã de Km 16 (Sixteen anointed) e ao grupo coral Pescados Para Pescar vai o meu muito obrigado pelo amor e irmandade demonstrados a cada dia. Por último agradecer as comerciantes que tornaram possível a concretização deste trabalho.

Lista de abreviaturas e figuras

ASSOTSI..... Associação dos Operadores e Trabalhadores do Sector Informal

INE..... Instituto Nacional de Estatística

OIT..... Organização Internacional do Trabalho

UEM..... Universidade Eduardo Mondlane

WILSA..... Women and Low in Southern África (Mulheres e Direitos na África Austral)

Resumo

A presente monografia, pretende explicar a problemática da participação da mulher no sector informal, compreendendo os factores que propiciam a reafirmação do género. O quadro teórico usado, foi o fenomenológico de Alfred Schutz. O estudo foi orientado pelo método de abordagem qualitativo com vista a compreender as representações que as mulheres fazem do seu envolvimento com o mukhero. O método de procedimento eleito foi o indutivo. Como técnicas de recolha de dados, o estudo usou-se da entrevista guiada e da observação directa. Constatou-se que as mulheres tem conseguido fazer frente as adversidades socioeconómicas e culturais, levando sustento e melhor qualidade de vida para si e suas famílias recorrendo a diversas estratégias que lhes permitem gerar rendimentos através de actividades produtivas. Para as mukheristas a paciência, a experiência e capacidade de gestão de conflitos que os homens não teriam, constitui um conhecimento comum que, por sua vez, se reflecte na forma como estas mulheres entendem e justificam seu envolvimento e sucesso na prática do mukhero. Por fim, concluiu-se que o envolvimento da mulher no sector informal reside na lógica das estratégias “individuais” que visam maximizar os próprios interesses da mulher no campo económico propiciando assim a reafirmação do género.

Palavras-chave: Mundo vida, Estoque de conhecimento, Atitude Natural, Mukhero, Género e Sector informal.

Abstract

The present monograph aims to explain the issue of women's participation in the informal sector, including the factors that lead to the reaffirmation of gender. The theoretical framework used was the phenomenology of Alfred Schutz. The study was guided by the method of qualitative approach in order to understand the representations that women make of their involvement with mukhero. The method of procedure chosen was the inductive perspective. As data for collection techniques, the study used guided interview and direct observation. It was found that women have been able to cope with socio-economic and cultural adversities, leading to livelihoods and a better quality of life for themselves and their families, using different strategies that allow them to generate income through productive activities. For the mukheristas patience, experience and capacity for conflict management that men do not have is a common knowledge which in turn is reflected in the way these women understand and justify their involvement and success in mukhero practice. Finally, it was concluded that the involvement of women in the informal sector is based on the logic of "individual" strategies aimed at maximizing women's own interests in the economic field, thus facilitating the reaffirmation of gender.

Keywords: World life; Insights, Mukhero, Gender and Informal Sector.

ÍNDICE

Páginas

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	5
1. 1 Hipótese	8
CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO	9
CAPÍTULO III - CONCEPTUALIZAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO	12
CAPÍTULO IV - METODOLOGIA	15
4. 1 Questões éticas.....	17
4. 2 Limitações da pesquisa	19
CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	21
5. 1 Perfil sociodemográfico das mukheristas	21
5. 2 Motivações à entrada no mukhero	24
5. 3 Estratégias de reafirmação	29
5. 4 Prática do mukhero	35
5. 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
5.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge com o propósito de investigar, a problemática da participação da mulher no sector informal, numa tentativa de compreender os factores que podem propiciar a reafirmação do género por meio da prática deste comércio por mulheres na sua maioria. Sendo a mulher no sector informal um fenómeno multifacetado da complexidade social do nosso país concretamente, pareceu sugestivo explorar as dimensões características deste sector com um olhar mais atento. A recolha de dados consistiu em captar a realidade social que se reflecte neste sector como forma de compreender as suas características e suas ligações à problemática do género.

Em África, falar do sector informal é falar de um sector que tem um peso significativo, sobretudo em economias subdesenvolvidas tal é o caso de Moçambique. Prova disto é o relatório do primeiro inquérito realizado pelo INE em 2005 que apontou que 75% da população economicamente activa em Moçambique tem emprego informal (INE 2006). Como se pode constatar, este sector tem sido o que mais movimenta mão-de-obra no nosso contexto.

Pelo peso que vem assumindo nas últimas décadas, a economia informal, longe de poder ser considerada marginal, residual ou em declínio, constituiu um papel vital no conjunto da actividade económica desenvolvida pelos vários membros dos agregados familiares (Sem e Grown 1988:36-38, Loforte 2000: 240-251).

No que tange a sua origem, são diversas as abordagens que dão conta do mesmo tal é o caso de João Mosca que situa o fenómeno nos anos 1980, associando-o à crise de escassez que na época atravessava a economia moçambicana motivada pela quebra da produção. Esta situação, ocorrendo num contexto em que a guerra civil vitimizava o país, gerou um fenómeno altamente reprimido pelo Estado Socialista, vulgarmente conhecido por *candonga*, e que resultava da fuga de produtos do mercado formal para o sector informal (Mosca, 2011). Por outro lado, Chichava (1999) coloca o marco da sua emergência no período colonial. Enfim, como se pode constatar todos eles entendem e descrevem o surgimento do sector informal de uma perspectiva diferente. Contudo, os autores são unânimes no que se pode entender, que este sector no contexto moçambicano teve origem num período de reestruturação económica a que o país experimentou.

A informalidade explica-se por um conjunto de factores socioeconómicos. A pobreza por exemplo, é apontada como um deles, pois esta muitas vezes limita toda a oportunidade e possibilidade real de trabalho digno e protegido. Rendimentos baixos e irregulares e, frequentemente, a ausência de políticas públicas tendem a impedir o indivíduo de investir na sua educação e adquirir as qualificações que lhe permitiriam melhorar a sua empregabilidade e a sua produtividade, e de contribuir de forma continuada para um regime de segurança social. A falta de instrução (primária e secundária), que permite ser eficaz na economia formal, e o não reconhecimento das qualificações adquiridas na economia informal constituem obstáculos suplementares à entrada na economia formal (OIT, 2006).

Regra geral, o género tem sido um factor crucial na estruturação das oportunidades de sucesso dos indivíduos em sociedade. Ajuda-nos a elucidar este facto o relatório da OIT, quando aponta que: a feminização da pobreza e a discriminação baseada em questões de sexo, idade, origem étnica significam também que os grupos mais vulneráveis e marginalizados são mais susceptíveis de integrar a economia informal. Esta declaração ajuda-nos a compreender como o poder desigual principalmente no que tange ao género estrutura a posição dos indivíduos na esfera social. Em termos de perfil demográfico do informal urbano, pode referir-se o facto de tratar-se de pessoas com baixos níveis de escolaridade, de agregados familiares constituídos por mais de cinco elementos, representando o sexo feminino o género mais dominante.

O segmento mais extenso é o dos vendedores ambulantes que comercializam diversos tipos de bens, desde cosméticos à produtos alimentares de confecção caseira (Chivangue, 2012).

Como se pode constatar, é facto que este sector revela-se maioritariamente abraçado pelo género feminino. Não obstante esta constatação, a participação da mulher no sector informal não deixa de ser um fenómeno multifacetado. Daí que o interesse por esta temática activa sua pertinência a medida que, através desta pesquisa se processou um olhar aprofundado com vista a captar a complexidade da realidade social que se reflecte neste sector da economia. Este exercício, visou compreender as características do sector informal e suas ligações à problemática do género, pois conforme refere Casimiro (2011) está-se perante uma presença ausência, ou seja, uma participação da mulher no sector informal marginalizada uma vez que as suas actividades eram e são muitas vezes desvalorizadas e interpretadas como um alargamento do trabalho doméstico sem qualquer visibilidade, reconhecimento ou apoio social e legal.

Contudo, pretende-se com esta pesquisa compreender o processo pelo qual através do mukhero a mulher consegue garantir sua reafirmação quer no espaço profissional, quer no espaço doméstico. Deste modo a fenomenologia sendo uma perspectiva sociológica e método preponderante a análise dos fenómenos que ocorrem no quotidiano tal é o caso da participação da mulher no sector informal, ajuda a interligar as estratégias que as mulheres se usam delas para no quotidiano conseguirem se reafirmar naquele espaço de interacção (Mercado do Zimpeto).

Com efeito, o nosso objectivo geral consistiu em compreender como o mukhero propicia a reafirmação do género, isto é, captar o processo através do qual o mukhero favorece a reafirmação da mulher nos espaços profissional e doméstico no seu dia-a-dia.

De forma específica, pretendeu-se descrever percepções que as mulheres fazem de si próprias sobre a prática do mukhero. Ou seja, procurou-se fazer a descrição de como as mulheres entendem seu envolvimento na prática do mukhero. Por outro lado, pretendeu-se descrever o perfil sociodemográfico das praticantes do mukhero, isto é, interessou saber quem elas são, de onde vem, qual seu nível de escolaridade, seu estado civil enfim dados que pudessem informar sua identidade social. Por fim, identificou-se as estratégias que elas utilizam para poderem se reafirmar na actividade que desempenham e no espaço de convivência familiar.

Este objectivo específico permitiu, por um lado, conhecer os recursos/técnicas que elas usam para se fazer sentir no local onde desempenham seu ofício garantindo rendimentos através de actividades produtivas e, por outro, compreender como elas em meio a esta dinâmica conseguem garantir de forma eficaz o cumprimento de suas responsabilidades na gestão familiar ou doméstica.

Esse exercício de compreensão não é difícil de apreender dado que se partiu do pressuposto que as mulheres no desempenho desta actividade no sector informal, tem ideias previamente estruturadas através das quais permitem que de forma eficaz alcancem seus objectivos, pois elas estão cientes dos costumes e normas que regulam a conduta humana e mais a muitas receitas de comportamento prático nos campos sociais e também nos técnicos.

O grupo alvo foi constituído por mulheres *mukheristas* que realizam este tipo de comércio no mercado grossista de Zimpeto, na cidade de Maputo. A escolha das mulheres como sendo o grupo alvo deveu-se ao facto de estas, serem socialmente entendidas (construção social) como mais vulneráveis, numa sociedade em que se clama pela sua inserção no mercado de trabalho

como forma de garantir a equitabilidade na disponibilização de oportunidades. Quanto ao local de pesquisa escolhido (mercado de Zimpeto), deveu-se ao facto de este dispor de considerável número de sujeitos de pesquisa, que por sua vez foram úteis para a mesma, pois são praticantes do *mukhero*, facto que tornou flexível a intervenção dos elementos dinamizadores desta pesquisa, nesse caso *mukheristas*.

No concernente à estruturação, vale informar que a presente monografia é composta por cinco (5) capítulos: em primeiro a introdução como forma de situar no tempo e no espaço e contextualizar ao público o que se oferece abordar na pesquisa, incluindo a menção dos objectivos que guiam a pesquisa, seguido da justificativa que avança a pertinência do trabalho. O primeiro capítulo (I), diz respeito a formulação do problema, em que apresenta-se a revisão bibliográfica onde se dialoga com autores que versam sobre o tema em debate, levantando de seguida a questão de pesquisa que guia o trabalho, culminando esta fase com a hipótese que antecipa a possível resposta a questão levantada. No segundo capítulo (II), enquadra-se a pesquisa no universo teórico sobre participação da mulher no sector informal numa vertente fenomenológica. No terceiro capítulo (III), definem-se e operacionalizam-se os conceitos. A definição e posterior operacionalização dos conceitos permitiram a clarificação da forma pela qual estes podem ser observados na realidade estudada.

No quarto capítulo (IV), apresenta-se a metodologia, que permitiu detalhar o plano empírico da pesquisa, isto é, esta etapa respondeu a questão como se procedeu a pesquisa destacando o método de abordagem, método de procedimento, as técnicas de recolha de dados, a amostra e considera-se também as questões éticas e limitações da pesquisa. Por fim, no quinto capítulo (V), analisam-se e interpretam-se os resultados da pesquisa, indicando-se o perfil sociodemográfico dos entrevistados, as percepções que as mulheres fazem a respeito da prática do *mukhero*; as estratégias que elas usam para garantir sua reafirmação através de como lidam com o espaço profissional e ao mesmo tempo garantem sua participação no espaço doméstico. Em última instância, fazem-se as considerações finais e a referências bibliográficas envolvida na efectivação do trabalho.

CAPÍTULO I – FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Na secção que se segue, pretende-se trazer estudos que se debruçam sobre a temática da participação da Mulher no sector informal e que vão ajudar a contextualizar esta pesquisa dentro da área da pesquisa sociológica do Género. Estes trabalhos deram um importante contributo aos estudos sobre o género. Nesta senda, importa referir antes de mais que da revisão da literatura, destacam-se três tipologias de abordagem a saber: Desigualdades nas relações de género; a Estratificação Social e por fim o Construtivismo Social.

Segundo Reis (1992), a adesão ao sector informal por parte da mulher teve sua origem no período pós-guerra e seu envolvimento neste sector surge como alternativa de sobrevivência face a situação vivida naquele período. Deste modo, os deslocados de guerra vinham se ajuntando a população activa desempregada na cidade capital. Diz a autora que este facto trouxe consigo um grande efeito que foi a massiva onda de desempregados e sendo muitos, o mercado de emprego não os podia sustentar, se bem que, muitos não tinham algum tipo de especialização. Sendo assim, milhares de moçambicanos não tiveram outra alternativa se não recorrer ao sector informal como sua bóia salva-vidas dentre os quais se destaca como o principal género envolvido neste sector, o feminino.

Por sua vez Andrade (1998), aponta como um explicativo à predominância da mulher no sector informal a fraca escolarização como advinda das relações de género que na sua maioria tem o homem como detentor de poder e que por isso, é privilegiado o acesso à educação do homem em detrimento da mulher o que iria contribuir para a configuração da realidade social vigente. Nessa ordem de ideia, acredita a autora ter sido o factor escolarização que pesou muito para a condição desfavorável da mulher comparada ao homem, pois num contexto de dominação masculina a mulher ficaria em segundo plano e nessas condições podia no sector informal (que aparentemente não exige algum nível de escolaridade) facilmente participar.

Não muito diferente de Reis, Da Silva (2000) apontou como originário da participação da mulher neste sector o factor guerra como sendo condicionante do ingresso de milhares de moçambicanos neste sector composto maioritariamente pelo género feminino devido a sua vulnerabilidade e condição de pobreza que no período pós-guerra as fez refém da procura de meio de subsistência

tal é o caso do ingresso desta no mercado informal, dado que este embora quase sempre insuficiente para garantir o sustento de sua família tende a dar algum jeito.

Da Silva (2006) aponta para o limitado acesso a educação, saúde, capital, controlo desigual na tomada de decisões como sendo factos que colocam a mulher numa situação de desvantagem política, económica e social face ao homem. Sendo assim, ela é encontrada numa situação que a obriga a desenvolver actividades que a possam ajudar a gerar rendimento por forma a garantir sua sobrevivência. Como se pode constatar, as autoras defensoras dessa visão fazem alusão ao período pós-guerra como originário do ingresso da mulher no sector informal em busca da sobrevivência e a desigualdade no usufruto de benefícios nas diversas componentes sociais. Tudo isto é categorizado por desigualdade nas relações de género que acreditam as autoras terem contribuído de grande forma para a presença da mulher no sector informal sendo que muitos se encontravam desempregados.

Ora, não podendo o sector formal acolher a maioria, privilegiou-se a contratação de quadros com alguma capacitação. E neste cenário as mulheres eram as menos capacitadas devido a questão das relações de género que privilegiam de grande forma a formação dos homens comparado as mulheres. Todavia, esta argumentação não se mostra muito clara a medida que olha de forma estrita o nível de instrução académico como sendo o que favorecia a selecção do pessoal ao provável emprego, o que é questionável se consideramos que o trabalho que se poderia oferecer não era limitado ao nível académico, ou seja, quem tivesse um nível de escolaridade suficientemente bom. Havia também por exemplo fábricas de processamento de insumos que pelo saber prático os indivíduos podiam ser recrutados e capacitados, o que necessariamente não precisa de uma escolarização.

Introduzindo a tipologia referente a estratificação em que se faz referência ao tipo de aprendizado social, Cordeiro (2013), numa visão mais marxista (estratificada) entende a presença da mulher no sector informal como produto de um tipo específico de socialização, referente a classe social, esta que acaba por favorecer uma reprodução da estrutura social. Na visão da autora, existem mulheres que são socializadas para serem patroas e outras para serem domésticas, ou seja, as mulheres de classe média e da burguesia são educadas para serem patroas, constituírem família e ter uma empregada doméstica, ou até mesmo sem casar, nos projectos de vida da mulher moderna independente, a empregada doméstica está nos seus planos.

Em contra partida, a formação sociocultural das mulheres de famílias pobres contempla o emprego doméstico ou mesmo o comércio informal como a possibilidade mais concreta para as meninas sem escolaridade ou que não conseguiram concluir seus estudos, como também para as meninas provindas das zonas rurais e as que vivem nas periferias. Diz ainda a autora que geralmente, conservam a esperança de que é um emprego temporário, enquanto não ascendem na vida ou encontram empregos com melhores condições. Algumas conseguem realizar seu sonho de ascensão, outras não, de modo que o temporário torna-se permanente. Entretanto, há que considerar que a socialização não é um processo pacífico como geralmente se tem pensado. É também um processo conflituoso onde diversos espaços de interação permitem que os indivíduos disponham de experiências diversas havendo assim a possibilidade clara de um rompimento com determinados princípios que se acreditavam cristalizados na mente dos actores sociais.

Uma última tipologia trazida na revisão é referente ao construtivismo social em que se focaliza as dinâmicas contextuais como condicionantes do modo específico de interpretar o social no dia-a-dia. Aqui Grassi (2001), olha a questão da predominância da mulher no sector informal associada às dinâmicas sociais de um contexto específico. E no caso concreto de sua pesquisa olha para a construção social que se faz do “lugar da mulher” – sector informal- como facilitador da presença maioritária da mulher neste sector. É nesta senda que a autora encontra a lógica das estratégias “individuais” que visam maximizar os próprios interesses da mulher não só no campo emocional e da sexualidade, mas também no campo económico. Portanto, pode se perceber aqui que devido a ideia entronizada do seu espaço que decorre de uma construção social, este facto tem reais repercussões no modo como a mulher encara o sector informal. Este posicionamento é interessante do ponto de vista de construção de ideia, pois ajuda a compreender com alguma profundidade o fio condutor do pensamento dos actores sociais que se vai manifestar no seu quotidiano.

Chegados aqui, parece útil reflectir sobre o que foi versado pelos autores. Se bem compreendidas as duas primeiras abordagens que se propuseram a debater a temática em destaque, parecem ter olhado a participação da mulher no sector informal como alternativa, uma escapatória a condição de género desfavorecido e não como iniciativa ou acção estratégica por parte da mulher.

Por sua vez, a terceira abordagem apresenta um posicionamento contrário às duas anteriores, pois esta focaliza a uma acção estratégica e intencional da participação da mulher no sector informal orientado sob uma lógica social. Desta forma, parece interessante uma análise crítica do alcance destas abordagens aqui trazidas, compreendendo a forma como os actores sociais encaram suas experiências. Até porque, deste modo acredita-se que este procedimento iria ao encontro das pretensões da pesquisa pois, partindo do pressuposto sociológico de que a forma como os actores sociais definem as situações/oportunidades do dia-a-dia influencia na disposição da estrutura social. Daí que interessa no desenvolver da pesquisa questionar *como a prática do mukhero propicia a reafirmação do género?*

1. 1 Hipótese

Quanto mais sucedida a mulher no mukhero, mais autonomia económica ela ganha no espaço profissional e afirma sua identidade feminina no espaço doméstico.

CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO

Em ciência o quadro teórico diz respeito a uma maneira específica de apreender a realidade e organizar o que nós apreendemos. Ou por outra, o quadro teórico pode se entender como sendo uma maneira científica de apreender e explicar uma realidade ou fenómeno específico que se pretende estudar (Macamo, 2004). E sendo que a explicação de fenómenos sociais não se faz de forma descontextualizada, ou seja, sempre que olhamos para o social tomamos por base uma certa perspectiva, é nesse contexto que para a prossecução desta pesquisa recorreu-se a utilização do referencial teórico fenomenológico de Alfred Schutz.

A principal contribuição de Schutz foi desenvolver a filosofia fenomenológica de Husserl como base de uma das ciências sociais, particularmente para a teorização formulada por Max Weber. Esta fenomenologia social que nos é trazida por Alfred Schutz tem como fim estudar o modo como os indivíduos vivenciam o mundo social da vida quotidiana, dotando suas acções de significado (Wagner, 1983).

Pois bem, de acordo com a teoria Fenomenológica de Schutz, cada individuo constrói o seu próprio mundo, mas o faz com o auxílio de materiais e métodos que lhes são oferecidos por outros. O mundo da vida é um mundo social que, por sua vez, é pré estruturado para o indivíduo. É deste modo que se procede a análise de Schutz desse jogo entre os esforços do individuo para compreender o mundo social à sua volta e a pré estruturação cognitiva própria desse mundo (Schutz *apud Bergson*, 1979). O indivíduo toma o mundo social à sua volta como um pressuposto, assim como a existência e uso ou recusa dos objectos naturais ou animais encontrados no seu ambiente natural. Esse mundo, então, lhe é dado. E com ele, são dadas as interpretações dos múltiplos fenómenos, relacionamentos do mundo social conforme desenvolvidas pelo grupo interno cultural. O total dessas interpretações forma a concepção relativamente natural do mundo, que, por sua vez, baseia-se num mito central. Essa visão do mundo contém não só a interpretação mais geral do lugar da comunidade entre outras comunidades humanas, e com relação aos reinos da natureza, do cosmo e do sobrenatural, como também a dos muitos costumes e normas que regulam a conduta humana e mais a muitas receitas de comportamento prático nos campos sociais e também nos técnicos.

Schutz, realçou o significado subjectivo da participação dos indivíduos em comunidade. Esse significado é produto dos esforços do indivíduo para alcançar uma definição de seu próprio lugar, de seu papel geral dentro da comunidade e, especialmente, dentro dos vários subgrupos a que pertence. Dessa forma, mostra-se como as ideias culturais mais estereotipadas socialmente só existem nas mentes dos indivíduos que as absorvem, interpretam-nas em função de suas próprias situações de vida. Nesta senda, as múltiplas interpretações particulares dos que compõem a concepção relativamente natural do mundo numa dada comunidade converge para a visão comum do mundo à medida que os próprios membros de uma dada comunidade crêem que compartilham suas concepções de mundo. Numa segunda fase, depende do uso das mesmas expressões e formulações padronizadas quando aplicam ou explicam suas concepções. Nesse sentido, o grupo interno estabelece, e mantém, uma auto-interpretação colectiva que representa a concepção comum, interna, da comunidade (Schutz, 1972).

Com efeito, a eleição desta perspectiva teórica para a leitura do fenómeno em causa activa sua pertinência a medida que, acredita-se ser esta uma perspectiva que se consubstancia à realidade social que se buscou compreender. E sendo a Fenomenologia uma perspectiva sociológica e método imprescindível na análise dos fenómenos que ocorrem no quotidiano, tal é o caso da participação das mulheres no sector informal através do mukhero, considerou-se por bem enquadrá-la no estudo em causa.

Pelo facto de a fenomenologia tomar por base a compreensão que os actores sociais fazem a respeito do real, nos ajuda a compreender a partir das próprias mulheres de que modo no seu quotidiano o mukhero propicia a reafirmação delas nos espaços domestico e profissional. Ou por outra, como se desencadeia no seu quotidiano a relação da mulher com o sector informal através da prática do mukhero, isto se considerarmos que a forma como os actores sociais interpretam as situações/oportunidades do dia-a-dia influencia na disposição da estrutura social, dado que a compreensão do universo social, da esfera social a qual participam os indivíduos vai orientar na visão de mundo destes actores e portanto as suas acções serão decorrentes da interpretação do grupo cultural no qual estão inseridos (Schutz, 1972).

Ora, a definição que estes trazem de seu dia-a-dia lhes é dada, e por conseguinte sua interpretação dos múltiplos fenómenos, relacionamentos do mundo social será conforme o grupo interno cultural ou o meio social o qual estão inseridos.

A participação da mulher no sector informal através da prática do mukhero, encontra também sua lógica a medida que por um lado, quanto mais sucedida a mulher no mukhero, mais ela ganha autonomia económica no espaço profissional e, por outro, ajuda na afirmação de sua identidade feminina (ser mulher) no espaço doméstico, visto esta que é emprestada pelo grupo interno cultural a qual elas estão envolvidas (Schutz, 1972).

Usando-se desta linha de raciocínio, como nos assegura a fenomenologia, as mulheres mukheristas possuem um corpo de conhecimentos que por sua vez fornece regras de conduta, que legitimam a ordem do social no quotidiano. Dado interessante a considerar é que, não obstante o risco de se confundir esta participação como fruto de um mecanismo determinista e coercitivo, este cenário por sua vez, segundo Schutz *apud* Bergson (1979) revela uma participação activa dos indivíduos na sociedade (nesse caso as mulheres mukheristas) pois, este significado ou compreensão surge como esforço das mulheres em buscar seu espaço, seu próprio lugar na esfera social por meio da prática do mukhero que tem repercussões também a nível económico. A prática deste negócio tem também em vista a satisfação da mulher a nível económico podendo reduzir de algum modo a dependência da mulher face ao homem, num contexto onde se clama por um crescente protagonismo da mulher no campo económico ou se preferirmos uma autonomia financeira.

CAPÍTULO III - CONCEPTUALIZAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO

A conceptualização e posterior operacionalização são tarefas elementares das ciências sociais. E sendo as ciências sociais consideradas discursivas, isto é, lidam com seu objecto a partir do discurso, a realidade é apreendida a partir de afirmações que nelas se fazem. E essas afirmações fazem-se com base em conceitos (Macamo, 2004). Esta preocupação visa evitar interpretações comuns ou banais dos mesmos conceitos. Desta forma, pretende-se nesta secção deixar claro a concepção dos termos-chave adoptados no estudo, a saber: *Mundo vida*; *Estoque de conhecimento*, *Atitude natural*, *Mukhero*, *Género e Sector informal*.

O mundo vida é toda a esfera das experiências quotidianas, direcções e acções através das quais os indivíduos lidam com seus interesses e negócios, manipulando objectos, lidando com pessoas, concebendo e realizando planos (Schutz, 1972).

Para Schutz, as orientações e a conduta dos indivíduos no mundo vida são influenciadas por formas linguísticas e sistemas culturais preexistentes. Daí que viver o mundo da vida quotidiana, implica viver um envolvimento interactivo com muitas pessoas em complexas redes de relacionamentos sociais.

Para efeitos do nosso estudo, o mundo vida deverá ser interpretado como sendo as vivências que orientam os indivíduos a operar tornando-o consciente dos factos, das condições para as acções de acordo com as imposições dos costumes assumindo uma postura essencialmente pragmática, utilitária que ajuda na concepção da realidade social a qual os indivíduos estão inseridos.

Estoque de conhecimento é o conhecimento que toda a sociedade disponibiliza voluntariamente aos indivíduos, permitindo-lhes dar sentido e captar as significações subjectivas das suas acções e dos outros no mundo vida. O estoque de conhecimento “à mão” é comumente partilhado e é o recurso que permite os indivíduos agirem quotidianamente em cada situação “à mão” em função dos seus interesses, portanto, é esse estoque de conhecimento que permite aos indivíduos conservarem uma atitude natural face ao mundo vida. (Idem:72).

Para efeitos do nosso estudo, estoque de conhecimento deverá ser entendido como sendo um corpo de conhecimentos apreendidos que dão sentido a acções estratégicas que as mulheres se usam no seu envolvimento com o mukhero.

É em parte consequência da socialização, da aprendizagem e partilha de valores e percepções criados e recriados no agir quotidiano dos indivíduos no mundo vida.

Atitude natural é a forma “espontânea” com que os indivíduos vivem o seu quotidiano partindo do princípio que a realidade já se encontra objectivamente ordenada e dada e que não requer questionamentos. (Idem:73).

Para efeitos do nosso estudo, atitude natural deverá ser entendida como sendo a postura que as mulheres assumem quando vivenciam quotidianamente o mukhero, uma vez que estas tomam as percepções que adquirem nas suas experiências individuais que são socialmente partilhadas sobre a relação com o sector informal como “naturais”, não questionando-as.

O *mukhero*¹ pode ser definido como actividade de micro-importação informal caracterizada pela travessia da fronteira de Ressano Garcia para África do Sul, local onde os *mukheristas* compram diversos bens para posterior revenda, geralmente a grosso, nos mercados de Maputo (Chivangue, 2012). Como constata-se, esta definição está na sua forma simplificada, dado que centrada apenas no propósito de sua pesquisa.

Entretanto, para efeito do nosso estudo, o mukhero deverá ser compreendido como sendo o tipo de comércio transfronteiriço maioritariamente praticado por mulheres que se deslocam além-fronteiras, isto é, vários destinos para adquirir bens comerciais para posterior revenda em território nacional.

Género diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. O género está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto directo do sexo biológico de um indivíduo (Giddens, 2000).

Para o nosso estudo, género deverá ser entendido como sendo a construção social do “ser homem” e do “ser mulher” através da distinção dos papéis sociais que por sua vez definem acções e expectativas dos indivíduos na sociedade.

¹Etimologicamente, a palavra *mukhero* resulta da corruptela da expressão inglesa “carry”. Na fronteira de Namaacha, os estrangeiros que estivessem a efectuar a travessia a pé pediam aos nativos que os ajudassem com as pastas e depois davam uma gorjeta. Rapidamente esta prática generalizou-se e os locais passaram a designá-la por *mukhero*. Esta expressão começou a ser usada também pelos nacionais que atravessavam a fronteira para comprar diversos bens, uma parte para o consumo e outra para revender. Para maior aprofundamento veja-se Chivangue (2007).

Sector informal é definido pelo Instituto Nacional de Estatística como sendo todas as actividades não registadas, ou registadas apenas no Município, ou junto à Administração Distrital ou Local, não possuindo portanto autorização por parte das autoridades fiscais para o exercício da sua actividade e empregando não mais de 10 trabalhadores (Tembe, 2009).

Todavia, para efeitos do nosso estudo, o sector informal é entendido como sendo conjunto de actividades desenvolvidas por indivíduos que, nalguns casos forçados por suas necessidades de sobrevivência e noutros intencionalmente praticam actividades comerciais, de prestação de serviços e trabalhos de grande ou pequena dimensão empregando não mais de 10 trabalhadores.

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

O método de abordagem adoptado para este trabalho foi essencialmente qualitativo porque interessou nesta pesquisa com mulheres compreender como o mukhero propicia a reafirmação do género. O método qualitativo pode ser definido como sendo o método que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, que são produtos das interpretações que os indivíduos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefactos e a si mesmos, sentem e pensam (Minayo, 2010).

O método de procedimento eleito para a presente trabalho é o indutivo. Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se à generalização, com base, na relação verificada entre os fatos ou fenômenos (Gil, 2008).

Serviu de amostra para a pesquisa um grupo composto por 10 mulheres. A escolha do exacto número de 10 mulheres, deveu-se ao facto de acreditar-se ser consideravelmente suficiente para a execução da pesquisa dado que é de abordagem qualitativa e portanto a preocupação não é necessariamente buscar uma representatividade, mas reflectir a sensibilidade dos sujeitos da pesquisa a respeito do problema em causa. É também com este número de sujeitos de pesquisa que se pretendeu poupar custos visto ser esta classe (*mukheristas*) extensa naquele local comercial onde decorreu a pesquisa. Conforme deu-se a entender, o grupo alvo foi constituído por mulheres *mukheristas*² que por sua vez, realizam este tipo de comércio no mercado grossista de Zimpeto, na cidade de Maputo. Importa referir que a escolha das mulheres como sendo o grupo alvo deveu-se ao facto de estas, serem socialmente entendidas (construção social) como mais vulneráveis, numa sociedade em que se clama pela sua inserção no mercado de trabalho como forma de garantir a equitabilidade na disponibilização de oportunidades. Quanto ao local de pesquisa escolhido (mercado de Zimpeto), deveu-se ao facto de este dispor de considerável número de sujeitos de pesquisa, que por sua vez se mostraram úteis para a pesquisa, pois são praticantes do *mukhero*, facto que se sem sombra de dúvidas, tornou flexível a intervenção dos elementos dinamizadores deste projecto de pesquisa, nesse caso *mukheristas*.

*Mukheristas*² – nome dado aos praticantes do Mukhero

Todavia, vale esclarecer que podia ser qualquer outro mercado que albergasse mukheristas. Entretanto, a escolha do mercado do Zimpeto mostrou-se proveitosa pois, permitiu com maior facilidade a deslocação do pesquisador para aquele lugar principalmente no que refere aos custos monetários.

Para a construção da amostra, foi eleita a amostragem por acessibilidade ou por conveniência e a amostragem intencional por redes ou bola de neve. A amostragem por acessibilidade ou conveniência constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão (Gil, 2008).

Por sua vez, a amostragem intencional por redes ou bola de neve consiste em após o primeiro ou primeiros elementos da amostra serem escolhidos, pudéssemos ser levados aos seguintes, tomando por base redes sociais quer seja de amizade ou conhecimento (Pochincho, 2009).

Como *técnicas de recolha de dados* a seguinte pesquisa orientou-se da entrevista guiada e da observação directa. A entrevista guiada, é utilizada particularmente para descobrir que aspectos de determinada experiencia produzem mudanças nas pessoas expostas a ela. O pesquisador conhece previamente os aspectos que deseja pesquisar e, com base neles, formula alguns pontos a tratar na entrevista (Richardson, 1999).

A escolha da entrevista como técnica deveu-se ao facto de ser uma das técnicas de coleta de dados mais utilizada no âmbito das ciências sociais, mas também pelo facto de não necessariamente se prender a uma representatividade para seu uso, principalmente quando se trata de pesquisas de abordagem qualitativa tal é o caso desta. Psicólogos, sociólogos, pedagogos, assistentes sociais e praticamente todos os outros profissionais que tratam de problemas humanos valem-se dessa técnica, não apenas para coleta de dados, mas também com objetivos voltados para diagnóstico e orientação. Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes (Selltiz et al., 1967).

Por sua vez, a observação direta consiste em captar os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho. Normalmente, as observações sociológicas incidem sobre os comportamentos dos actores na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que sustentam suas acções (Quivy, 2008).

Durante a pesquisa a observação incidiu no *modus operandi* das relações sociais entre as mukheristas, bem como a forma como estabelecem a relação com o meio social no mercado do Zimpeto durante suas atividades, considerando *a priori* a competitividade e dinâmica que caracterizam o sector informal.

4. 1 Questões éticas

Nesta secção propõem-se abordar as questões éticas observadas durante a pesquisa como sendo elementos fundamentais e que garantem uma investigação isenta de constrangimentos que pudessem perigar o profissionalismo científico que se apela. Neste contexto, vale sublinhar que as ciências humanas, tem-se defrontado com a redefinição de procedimentos éticos, num momento em que os seus sujeitos de pesquisa tem experimentado mudanças radicais, e em que novas agendas de pesquisa desafiam fronteiras disciplinares.

Por uma questão metodológica, a preocupação como os procedimentos éticos e códigos de ética, os interesses dos grupos pesquisados devem preceder os interesses de toda pesquisa (July, 2003). A ética segundo Cenci (2002, p.90), nasce amparada no ideal grego da justa medida, do equilíbrio das acções. Cenci explica que a justa medida é a busca do agenciamento do agir humano de tal forma que o mesmo seja bom para todos. Se a pesquisa envolve pesquisadores e participantes – ou pesquisadores e pesquisados. É importante que a ética conduza as acções de pesquisa, de modo que a investigação não traga prejuízo para nenhuma das partes envolvidas. Dai uma interessante colocação de Dupas (2001, p.75) lembrando Habermas, para quem a teoria deve prestar contas à praxis, alertando que o saber não pode, enquanto tal, ser isolado de suas consequências.

Conforme explicitado acima, pode-se compreender que a observância de questões éticas faz-se imprescindível na pesquisa científica, pois observando princípios éticos permite que se faça uma avaliação dos riscos envolvidos na publicação dos resultados, porque nossas conclusões não podem de forma alguma constranger, humilhar ou trazer prejuízos para as populações ou participantes da pesquisa. É nesse contexto que, tratando-se de uma pesquisa que se enquadra no âmbito das ciências sociais, tal é o caso da nossa, procurou-se observar algumas questões éticas que pudessem garantir que antes, no decorrer e após o término da pesquisa nenhum dos intervenientes da pesquisa ficasse com um sentimento de pesar devido a inobservância de aspectos que afectassem sua integridade moral. As questões éticas observadas foram: *consentimento informado, sensibilidade e reciprocidade*.

O consentimento informado é um elemento ético que prevê obter o consentimento dos sujeitos envolvidos, tanto para participação na investigação, como para a divulgação dos resultados incluindo nomes e imagens. Para que o consentimento dos sujeitos seja significativo, é necessário que se desenvolva uma relação de diálogo e de confiança entre estes e o investigador (Ferreira, 2010). Na presente pesquisa este elemento foi observado em três momentos; primeiro quando o pesquisador apresentou-se às mukheristas explicando qual o objectivo da pesquisa através da breve conversa que se pretendia ter com elas. Posto isto, perguntou-se se elas estariam dispostas a colaborar com o pesquisador cedendo alguns minutos do seu precioso tempo, considerando que elas estavam em plena actividade comercial – mukhero. Por fim, procurou-se saber se sentiriam constrangidas se fossem usados seus nomes verdadeiros aquando da apresentação dos dados da pesquisa. As entrevistadas disseram que preferiam que não se usasse seus nomes verídicos. Esclarecido esse elemento, a pesquisa seguiu.

Um outro caminho para desenvolver uma pesquisa ética, decorre da sensibilidade do investigador. A sensibilidade requer que o investigador tenha uma compreensão profunda dos sujeitos, de modo a entender como construir os dados, o que observar, fotografar ou filmar e em que momentos e, também de que forma utilizar o material produzido. O que é essencial na investigação é adaptar o processo de investigação às pessoas que nela participam e às suas características específicas, características estas que devem ser identificadas no campo e não *a priori* (Gold, *apud* Faccioli & Losasco, 2010). Vale realçar que a sensibilidade constitui desafio e virtude ao mesmo tempo do pesquisador. Constitui um desafio para o pesquisador dado que

este deverá ter a capacidade de compreender o sujeito de pesquisa – se se sente livre ou não para abordar certa temática. Por outro lado, é uma virtude pois para alcançar a sensibilidade é necessário colocar-se no lugar do outro, para intuir o que pode ferir, o que nem todos possuem.

Na pesquisa esse elemento foi observado a medida que, no proceder da mesma havendo no guião de entrevista uma pergunta que pretendia saber se com o ganho que as mukheristas obtinham do seu negócio, qual era o investimento que faziam (o que de alguma forma implicaria que falassem até certo ponto de valores monetários). Percebendo o desconforto algumas vezes, ainda que não declarado optou-se por mudar de questão de modo a deixa-las mais a vontade e descontraídas com outras perguntas.

Uma outra postura que acredita-se ter sido relevante para acompanhar e fortalecer a sensibilidade do pesquisador foi a reciprocidade. Uma ideia clara deste elemento nos fornece Casa-Nova (2009) quando refere: para ultrapassar a instrumentalização dos sujeitos envolvidos na investigação, uma reciprocidade entendida como satisfação dos interesses dos diferentes participantes, assim como dos seus interesses enquanto investigadora é fundamental.

No que tange a presente pesquisa esse elemento foi observado quando após uma animada interacção com as mukheristas, uma delas lá para o final da entrevista referiu que acredita que a entrevista que elas deram ajuda de alguma forma a tornar visível o contributo que muitas mulheres dão às suas famílias através da actividade que elas praticam. Por outro lado, o ganho que se obteve acima de tudo foi a colecta de dados que permitiu com a pesquisa explorar e dar a conhecer o outro lado do mukhero, a capacidade criativa das mulheres para fazer face aos desafios do seu dia-a-dia através dessa prática comercial.

4. 2 Limitações da pesquisa

Este subcapítulo é inerente aos constrangimentos de campo e faz parte da etapa metodológica da pesquisa realizada. Isto porque, no processo de realização da pesquisa houve aspectos que de alguma forma interferiram na dinâmica do trabalho de campo.

Um dos constrangimentos que se assistiu no trabalho de campo, tem que ver com o acesso às mukheristas. Não foi tarefa fácil aceder a elas, não obstante ser de considerável número esta categoria de comerciantes no Mercado grossista do Zimpeto.

Esta dificuldade deve-se a desconfiança que elas mostravam para com o entrevistador. Ora, não é difícil compreender sua estranheza, bastando para tal considerar que o outro é *a priori* um estranho. Segundo contaram elas pelos furtos e roubos frequentes naquele lugar, receber, conversar e até se “abrir” com um estranho ainda que identificado, constitui uma atitude ariscada para muitas delas. Todavia, esse obstáculo foi ultrapassado quando junto da administração do mercado foi assegurado a elas que o pesquisador pretendia com a intervenção delas apenas obter dados para pesquisa. Essa demora da aceitação teve implicações na pesquisa a medida que levou com que o tempo desta fosse estendido até que estas aceitassem dar entrevistas.

Outro elemento que interferiu na pesquisa, tem que ver com a disponibilidade das entrevistadas. Por se tratar de pessoas que desempenham uma actividade comercial, associado ao nível de competitividade característico daquele comércio (mukhero), disponibilizar seu tempo para uma entrevista por mais bem-intencionado que fosse, não foi fácil. Isso implicou negociações para que fossem feitas as entrevistas, muitas vezes frustradas devido a agenda pessoal e profissional delas. Esse contratempo, interveio muitas vezes na qualidade das entrevistas o que exigiu do pesquisador maior atenção no tratamento dos dados colhidos.

Todavia, sendo a pesquisa uma arte que se aprende fazendo estes constrangimentos de campo não foram empecilho ao progresso da pesquisa, tão pouco à coerência que se exige no tratamento dos dados na pesquisa, tendo no final resultado no trabalho que ora se apresenta.

CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5. 1 Perfil sociodemográfico das mukheristas

O grupo alvo da pesquisa foi constituído por mulheres praticantes do mukhero no mercado Grossista do Zimpeto. Importa referir que ao todo foram entrevistadas 10 mulheres e nesta fase interessa descrever o perfil sociodemográfico por serem o principal grupo e do qual pretende-se fazer uma análise. Para tal, tomou-se em consideração os seguintes elementos: idade, naturalidade, bairro de residência, estado civil e nível de escolaridade.

Antes de mais, vale destacar que todas as mulheres entrevistadas pertencem a associação dos importadores e vendedores do sector informal de Moçambique conhecida por Mukhero.

Ao se analisar a idade das mukheristas, verifica-se que a maioria pertence a uma faixa etária de 35 a 40 anos. Dentre 10 mukheristas cinco (5) pertencem a esse grupo; duas (2) pertencem ao grupo etário de 41 a 45; outras duas (2) pertencem ao grupo etário dos 46 a 50 anos de idade e apenas uma (1) mukherista situa-se entre os 51 anos para frente. Conforme os dados obtidos, é possível constatar que a maioria das mukheristas entrevistadas compreende a faixa etária dos 35 a 40 anos de idade o que por sua vez, revela uma tendente ingressão ao mukhero por mulheres em idade produtiva. Este dado revela uma reestruturação etária no perfil das comerciantes mukheristas.

Tabela 1: Distribuição das mukheristas por faixa etária

Faixa etária	Nº
35 - 40	5
41 - 45	2
46 - 50	2
51 - +∞	1
Total	10

Quanto a naturalidade, constatou-se que a maioria das mukheristas entrevistadas é natural de Maputo num total de oito, havendo somente duas oriundas da província de Gaza. No que diz respeito ao bairro de residência foi possível constatar que as mukheristas pertencem aos diferentes bairros que compreendem zonas urbana e periurbana³ como: Khongolote, Liberdade, Magoanine, Mahlazine, Txumene, Matola 700, Mahlampswene, Matola gare e Cumbeza.

Um outro elemento sociodemográfico diz respeito ao estado civil das mukheristas. Aqui foi possível constatar que a maioria delas é casada. Este dado revela que também há um interesse por parte das mulheres em contribuir na estabilidade financeira da renda familiar. A busca de estabilidade financeira aqui mencionada é decorrente do custo de vida actual, de tal forma que para algumas mulheres entrevistadas, desempenhar uma actividade rentável tal é o caso do mukhero, constitui já um imperativo conjugal porque segundo algumas entrevistadas:

“Nessa vida é preciso se mexer. Parar é morrer meu irmão, até porque ficar em casa a espera do marido também não ajuda. Pior agora que o custo de vida subiu...”

(Iolanda, 39 anos, casada, 10ª classe)*

“Entrei aqui porque precisava de fazer alguma coisa pra ajudar minha família, meu lar. Porque naquele tempo ainda não trabalhava. E ficar em casa assim so não ajudava...”

(Carolina, 35 anos, casada, 12ª classe)*

“Decidi fazer algo que pudesse ajudar meu marido com a renda da casa, outras despesas por aí. A vida não está fácil pra ninguém e eu não podia ficar a assistir enquanto tenho cabeça pra pensar...”

(Miranda, 51 anos, casada, 7ª classe)*

Posicionamentos como os acima referidos, revelam uma transformação na estrutura familiar, o que para teóricos como Parsons levariam a instituição família a um colapso ou conflito de papeis na linguagem deste. Para Parsons (1949) no sistema familiar existem dois papeis distintos. Ao homem cabe o papel instrumental na qualidade de quem provê o sustento da família. À mulher por sua vez, cabe o papel expressivo que inclui o cuidado dos filhos e as tarefas domésticas.

Periurbana³ - Segundo Brito (2002) a zona urbana corresponde à antiga cidade de cimento onde viviam os colonos, a suburbana aos antigos bairros de caniço onde vivia a grande maioria dos moçambicanos, e a periurbana que prolonga o espaço suburbano.

Por via disso, qualquer alteração no cumprimento dos papeis constui na sua óptica uma disfunção comprometendo o equilíbrio do sistema familiar. Entretanto, com os dados obtidos na pesquisa é possível constatar que há agora na estrutura familiar uma concepção corporativa em que já não há de forma estrita quem desempenhe determinado papel, agindo mutuamente os cônjuges para o bem-estar de todos.

No que concerne ao nível de escolaridade, foi possível constatar que há dentre as mukheristas, aquelas que têm o 2º grau do ensino primário (7ª classe). Outras há com o 1º ciclo do ensino secundário completo (10ª classe). Por outro lado, foi possível constatar aquelas que frequentaram o ensino geral, ou seja, as que tem o 2º ciclo do ensino secundário completo (12ª classe), que por sinal são de faixa etária mais jovem. Este último dado, mostra uma tendente mudança no que diz respeito ao perfil académico das praticantes do mukhero naquele local. Pois, tem crescido o número de mulheres mais jovens que aderem ao mukhero, mulheres que ainda que não possuam alto nível de escolaridade, no mínimo tem já o nível médio, outras até com o ensino geral o que aumenta as aspirações de algumas delas de ingressar ao ensino superior como afirmaram algumas de nossas entrevistadas:

()...agora ainda estou a me organizar, daqui a um tempo penso em me formar ali no ISRI pra fazer administração ()...”

*(Carolina, 35 anos, 12ª classe)**

“Um dia penso em fazer ensino superior, me formar para gerir melhor meu negócio. Meu marido me apoia nessa ideia. Só que agora ainda estou a me posicionar bem...”

*(Alzira, 38 anos, 12ª classe)**

É preciso frisar que o dado aqui trazido, não descarta de forma alguma a constatação revelada por dados de pesquisas mais abrangentes que dão conta de que regra geral, o sector informal é ainda constituído do por mulheres com nível de escolaridade baixo.

* Os nomes aqui usados são fictícios.

A título de exemplo é a pesquisa de Jairoce⁴ (2016), que dá conta que o sector informal é composto maioritariamente por mulheres com níveis de escolaridade baixo e por isso com poucas possibilidades de alcançar um emprego formal.

5. 2 Motivações à entrada no mukhero

Este subcapítulo, tem em vista trazer a conhecer as principais motivações que levam ao envolvimento das mulheres com o mukhero. Dentre as motivações comuns que as entrevistadas apontam constam: falta de emprego ou rendimento sustentável (no caso daquelas que tem outras ocupações), ingresso através das laços sociais fortes⁵ e por fim a facilitação de procedimentos não só para entrar no mukhero, como também nas fronteiras estando estas mulheres já envolvidas no mukhero.

A falta de emprego formal, que regra geral afecta grande parte da população envolvida no sector informal, foi um factor que pesou sobre algumas das entrevistadas o que fez com que a dada altura sentissem a necessidade de desenvolver uma actividade que as pusesse a produzir e que de alguma forma pudesse oferecer um rendimento estável como aponta uma delas:

“()... Entrei aqui porque estava desempregada e eu precisava de fazer alguma coisa para ajudar minha família, meu lar e com os filhos ali não era facil! Ficar em casa assim só não ajudava ()...”

(Gilda, 37 anos, solteira, 10^a classe)*

“Na altura quando decidi entrar eu não trabalhava e ficar em casa não ia ajudar em nada. Decidi fazer algo que pudesse ajudar meu marido com a renda da casa e outras despesas...”

(Marta, 44 anos, casada, 10^a classe)*

“Foi a falta de emprego. Na altura quando decidi entrar eu não trabalhava e ficar em casa não ia ajudar em nada. Decidi fazer algo que pudesse ajudar meu marido com a renda da casa e outras despesas...”

(Alzira, 38 anos, casada, 12^a classe)*

Jairoce⁴ – no seu estudo dá conta de que uma das características das mulheres envolvidas neste sector é a sua baixa escolaridade e com poucas possibilidades de alcançar um emprego formal.

⁵ Segundo Granovetter, os laços sociais são classificados em fortes e fracos. Para ele, laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas.

Não obstante o período desta constatação de Da Silva (2000), ainda é possível notar que o desemprego ainda tem sido um dos factores que leva com que muitas mulheres busquem sustento no sector informal, dada abertura que esse oferece para acolher quem queira se estabelecer economicamente.

Um outro factor facilitador do ingresso das mulheres no mukhero são as redes de laços sociais fortes. Foi possível constatar entre as entrevistadas, que muitas delas tiveram como meio de entrada no mukhero um agente motivador ou facilitador que lhes convenceu a entrar neste tipo de comércio, com quem partilham laços sociais fortes. Muitas vezes é alguém da família, outras vezes amigas ou vizinhas pessoas que no seu quotidiano interagem de forma muito próxima. Ajuda a elucidar este dado algumas delas quando dizem:

“Entrei nesse negócio através da minha mãe que já estava aqui há um tempo. Primeiro vinha ajudar ela quando eu tivesse tempo depois das aulas. Depois de um tempo, comecei com meu negócio...”
(Julieta, 35 anos, solteira, 10ª classe)*

“Entrei nesse negocio atraves da minha irmã. Como ela já tinha conseguido alguma coisa na vida, ela viu que podia me ajudar um pouco e me chamou pra trabalhar com ela aqui no zimpeto...”
(Cacilda, 45 anos, divorciada, 10ª classe)*

“Entrei no mukhero com minhas amigas que tambem tinham suas banquinhas no mercado fajardo. Depois de um tempo decidimos tentar no mukhero e acabamos nos dando bem...”
(Miranda, 51 anos, casada, 7ª classe)*

Schutz *apud* Wagner, (1979:60) afirma que a consciência dos indivíduos é sobre o mundo vida, que é todo o campo das experiências quotidianas, das acções através das quais os indivíduos buscam seus interesses. Trata-se de um mundo intersubjectivo comum a todos “nós”, no qual não temos um interesse teórico mas um interesse eminentemente prático.

Analisando a luz da teoria aqui se pode compreender que, o factor que motivou a entrada destas mulheres no sector informal foram os *laços sociais fortes* que as mulheres mantem no seu dia-a-dia, que por sua vez reforçaram o interesse (consciência) destas mulheres a entrar para o mukhero.

Este facto, deve-se a partilha do mundo intersubjectivo que é comum a todas elas e em última instância fez com que elas direccionassem suas acções em busca de responder a seus interesses – ter um ofício, sendo que no mundo vida o interesse dos indivíduos não é meramente teórico, mas sim um interesse prático.

O espectro de iniciativa feminina em aproveitar as oportunidades deste sector da economia, resulta e justifica-se em larga medida de facilidades de acesso ao mercado informal de trabalho motivado pela não exigência de qualificações ou quase não existência de processos burocráticos: as mulheres sabem que tem mais possibilidades de arranjar emprego no sector informal da economia. Isto deve-se a uma facilitação de procedimentos não só para entrar, como também no proceder do mukhero, senão vejamos:

“Muitas de nós entraram aqui por causa da facilidade de fazer um negócio que dá dinheiro sem muita confusão com ninguém, enquanto outros sítios exigem muitas coisas e muitas vezes dificultam...”

(Vera, 45 anos, casada, 7ª classe)*

“Hoje em dia está difícil ter um emprego assim e pior no Estado. Por isso muitas de nós acaba preferindo tentar dar rumo a sua vida arisancando no mukhero. E aqui não há muitas voltas pra entrar...”

(Julieta, 35 anos, solteira, 10ª classe)*

“Acho que a primeira coisa que faz muitas de nós a entrar aqui é que aqui há facilidade de fazer um negócio que dá dinheiro sem muita confusão... noutras sítios exigem muitas coisas e muitas vezes dificultam e nessa hora o tempo está passar...”

(Carolina, 35 anos, casada, 12ª classe)*

Schutz (*apud* Wagner, 1979:60), esclarece que ao longo da sua biografia os indivíduos vão incorporando as suas vivências do *mundo vida* e os conhecimentos oferecidos pelo seu *estoque de conhecimento*, é este processo que constitui a *experiência*, ou seja, a experiência é fruto das vivências que os indivíduos têm um com outro e com a realidade.

Schutz (*apud* Wagner, 1979:60) começa por diferenciar a *experiência* dentro da *corrente de consciência* e a *experiência significativa*, afirmando que, só a experiência passada pode ser considerada significativa. Isto faz com que o significado das acções seja dado em consonância com as suas experiências anteriores percebidas reflexivamente na forma de actividade espontânea.

A este nível a experiência mostra-se de suma importância para compreender a atitude das mulheres, uma vez que é na significação e partilhas da experiência que as mulheres têm a respeito de suas possibilidades de sucesso no mercado formal de emprego que são construídas as suas representações sobre esta, e é fortalecida na medida em que é objectivada ou significada, fazendo com que o agir das mulheres face ao sector informal seja em adequação a esta experiência ou consciência.

Como se pode compreender, a entrada do mukhero por parte das mulheres não constitui em si uma atitude ocasional, antes ela é assegurada em função do conhecimento que elas têm a respeito das oportunidades de emprego e ajustam suas acções em função dos seus interesses – ter emprego.

Todavia, segundo OIT⁶ (2006) a falta de instrução que pesa a muitas mulheres constitui obstáculo na economia formal. Em contra partida, no sector informal o não reconhecimento das qualificações adquiridas por sua vez, constitui um ganho aos participantes e tem sido, conforme os dados, um dos factores que justifica a presença massiva de mulheres neste sector.

Já no proceder do mukhero essa facilitação dá-se nas fronteiras, decorrente das redes de solidariedade entre as mukheristas e os agentes aduaneiros que fazem parte das práticas solidárias características desse tipo de comércio. Uma outra forma de facilitação recorrente entre as mukheristas é a entendida por “contrabando” como forma de se desviar do pagamento de altas taxas. É preciso esclarecer que este último é um acto do qual se distanciam não só as instâncias governamentais, bem como a associação dos mukheristas.

Todavia, o representante da associação dos mukheristas (ASSOTSI)⁷ chama atenção a um preconceito quando se trata deste assunto, pois muitas vezes essas práticas tem que ver com o *modus operandi* do meio social fronteiriço.

Segundo ele, este tem sido normalmente um ato concordado (ainda que informalmente) tanto pelas mukheristas, como pelos agentes fronteiriços.

Para as mukheristas, fugir ao fisco é uma necessidade normal para crescer no negócio porque olham o Estado como um cobrador de taxas aduaneiras elevadas e para os agentes fronteiriços, o trabalho na fronteira representa também uma oportunidade de elevar os seus rendimentos e até mesmo para o enriquecimento ilícito (Jairoce, 2016).

O acto ora entendido por fuga ao fisco, para além de constituir um ganho ao negócio das mukheristas, é também um acto que tem sua razão de ser à medida que estas mulheres se apropriam das práticas do seu mundo da vida que normalmente regem suas acções.

À luz do quadro teórico de Schutz (1972), o mundo da vida é um mundo social que, por sua vez, é pré estruturado para o indivíduo. E uma vez pré-estruturado, a participação dos indivíduos resulta do esforço destes para compreender o mundo social à sua volta e a forma de pensar própria desse mundo com vista a ajustar seu envolvimento no mesmo. Com isso, o autor nos informa da intencionalidade dos indivíduos nas suas acções em resultado da apropriação que eles fazem das normas que orientam o meio social no qual se encontram envolvidos, que no caso das mukheristas é o espaço fronteiriço.

Como pode se ver, compreender o fenómeno facilitador da participação da mulher no mukhero exige uma análise complexa dos procedimentos típicos do espaço fronteiriço. Dai que, tentar compreender as estratégias recorrentes neste tipo de comércio ignorando o *modus operandi* fronteiriço, é de alguma forma negar a complexidade do social.

Deste modo, acredita-se ter ido ao encontro do pensamento de Schutz, interpretando compreensivamente o comportamento dos indivíduos. É com este objectivo que ele constrói o seu pensamento, ou seja, a fenomenologia social de Schutz tem como tarefa explicitar o mundo vida, transcendendo a atitude natural não aceitando nada como dado de forma acrítica por mais elementar que seja.

⁶ Relatório da 90ª Conferência Internacional do Trabalho publicado em 2006

⁷ Declarações feitas no âmbito da entrevista durante a recolha de dados

5. 3 Estratégias de reafirmação

Este subcapítulo, tem em vista trazer a conhecer a forma estratégica que as mulheres usam para se reafirmarem no espaço doméstico e profissional através do seu envolvimento com o mukhero. Por se ter constatado aquando da análise do perfil sociodemográfico que a maioria é casada, a recolha de dados a respeito da relação da mulher com os espaços doméstico e profissional, permitiu constatar como estes espaços se reflectem na vida destas mulheres e como se influenciam mutuamente.

Tratando-se de mulheres na sua maioria casadas, o que por sua vez implica a existência de um lar para cuidar, questionou-se, como as mesmas conseguiam conciliar os espaços doméstico e profissional.

No que responderam, foi possível constatar entre as mukheristas entrevistadas que não obstante desenvolverem um ofício num ambiente corrido como o do mercado, ainda assim sua participação no espaço doméstico que segundo elas é o mais importante, não estaria aquém do esperado. Isto porque segundo elas, o facto de ser dona e senhora do seu negócio dá-lhes espaço para com facilidade cumprir seu papel de mãe, donas de casa cumprindo com tarefas domésticas se necessário (embora muitas tenham empregadas domésticas) já que são elas próprias que gerem sua carga horária. Para estas, seu ofício não é empecilho à sua participação nos deveres do lar, antes pelo contrário, seu ofício é um facilitador desta participação. Se não vejamos o que algumas delas contam:

“Como já tenho trabalhadores aqui, lhes digo o que fazer, enquanto atendo as coisas de casa que são mais importantes pra mim, apesar de ter uma empregada em casa...”

(Juvena, 40 anos, casada, 10ª classe)*

“()...Eu gosto do meu trabalho, mas minha família está em primeiro lugar. Por isso atendo meu lar e depois venho pra aqui. Até porque meu trabalho me facilita muito ()...”

(Miranda, 51 anos, casada, 7ª classe)*

“Fazer mukhero pra mim é uma vantagem. Como sou casada é fácil pra mim cuidar do meu lar e depois vir atender o meu negócio. O mukhero me ajuda a estar presente na minha família”

(Iolanda, 39 anos, casada, 10ª classe)*

Segundo Schutz *apud* Wagner (1979), os indivíduos agem, interagem e interpretam a sua realidade do mundo vida com base no estoque de conhecimento que eles têm “à mão”, sendo que, estoque de conhecimento é o conhecimento que toda a sociedade disponibiliza voluntariamente aos indivíduos, permitindo-lhes dar sentido e captar as significações subjectivas das suas acções e dos outros no mundo vida. É baseado no estoque de conhecimento que se consegue compreender que a visão que as mulheres têm a respeito da *importância de seus lares* é em consequência também da socialização, da aprendizagem e partilha de valores e percepções criados e recriados no agir quotidiano das mulheres casadas ainda que envolvidas em um ofício. Este facto permite que não só com que elas dediquem facilmente suas atenções aos lares que é sua prioridade, mas que ao mesmo tempo garantam uma fonte de rendimento através do mukhero que segundo elas é um facilitador dessa manobra.

É reforçada esta compreensão quando no mesmo diapasão Casimiro (2011), refere que em circunstâncias diferentes as mulheres desenvolvem actividades de tipo micro-empresarial, ainda que as barreiras socioculturais se mantenham, devido as responsabilidades de gestão familiar e doméstica (educação e saúde dos filhos e de outros familiares, confecção da comida, busca de água e lenha, apoio aos mais idosos e nas tarefas da comunidade), o que origina que o tempo disponível para administrar qualquer atividade geradora de rendimento seja sempre menor que a do homem. Apesar da multiplicidade e simultaneidade de tarefas e exiguidades de tempo, decorrentes da divisão de trabalho na sociedade, as mulheres tem conseguido fazer frente as adversidades socioeconomicas e culturais, levando sustento e melhor qualidade de vida para si e suas famílias recorrendo a diversas estratégias que lhes permitem gerar rendimentos através de actividades produtivas (Casimiro 2011:10).

A relação da mulher com o espaço doméstico acima notória, resulta de um processo de institucionalização levado a cabo pela família através da socialização. Este processo, inicia logo á nascença através da noção de género que segundo Giddens (2000) diz respeito às diferenças sociais e culturais entre homens e mulheres. O género está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto directo do sexo biológico de um indivíduo. Portanto, é desta forma que se compreende a exteriorização dessa noção de género no argumento das entrevistadas.

Por outro lado, é possível compreender que a participação da mulher no mukhero abre espaço de resposta a um dos desafios colocados à mulher quando esta sai do espaço doméstico para o público, tal é o caso da jornada dupla referida por Parsons (1979). Como se pode compreender no entender das mulheres, o mukhero acaba por ser um ofício vantajoso a medida que confere um espaço de manobra onde elas podem de forma flexível garantir um rendimento sustentável através da prática de um ofício (mukhero) e ao mesmo tempo garantir o cumprimento do papel expressivo que lhes cabe.

Ainda nas declarações delas um elemento latente que se constatou, tem que ver com a negociação do poder desigual levantado por Da Silva (2006), quando aponta que o limitado acesso a educação, o controlo desigual na tomada de decisões tem sido factores que colocam a mulher numa situação de desvantagem económica e social face ao homem. A saída da mulher da esfera privada para entrar na área produtiva favorece uma emancipação da mulher e é fora da esfera privada que se formam as identidades de género capazes de criar uma negociação da tradicional dominação masculina. Deste modo, com a prática do mukhero foi possível constatar que elas têm a possibilidade de negociar esse poder desigual, pois elas são donas e senhoras do seu próprio negócio. Com o mukhero elas possuem o poder decisório no espaço profissional decidindo não só pela sua carga horária no trabalho, como também sobre o que seus trabalhadores devem fazer. Ajuda a compreender esse aspecto quando algumas delas dizem:

“Como mulher ter meu próprio negócio me facilita decidir sobre muitas coisas, o que seria difícil se estivesse a trabalhar pra alguém...”
(Cacilda, 45 anos, casada, 10ª classe)*

“()...Aqui as coisas são diferentes, porque é uma mulher que decide como as coisas são. Sou uma mulher que até manda homens. Aqui a mulher tem força()...”
(Miranda, 51 anos, casada, 7ª classe)*

“Pelo menos aqui nós mandamos. Não são muitos sítios onde mulher decide as coisas, é difícil mas aqui isso acontece...”
(Juvena, 40 anos, casada, 10ª classe)*

Esta compreensão é reforçada por Abreu (1995), quando refere que a sua incorporação no mercado de trabalho, estruturado ou não, permite estabelecer uma nova relação com o social, oferecendo-lhes uma base para a sua valorização individual e social, a possibilidade de maior protagonismo nas instâncias de tomada de decisão o que não acontece, a maior parte das vezes, com o trabalho doméstico (Abreu 1995: 89).

Ainda no que concerne ao espaço profissional, quando questionadas a respeito de como conseguem manter-se no seu negócio num ambiente de concorrência tal é o caso do mercado de zimpeto, elas disseram ser possível usando-se para tal da paciência. Segundo elas esta é uma virtude característica à mulher. Senão vejamos o que algumas dizem:

(...)...tem que ter paciência aqui. E nós mulheres temos paciência. Como vê quase todas vendemos mesmos produtos, mas mesmo assim ainda estamos aqui e compram(...)...

(Vera, 45 anos, casada, 7ª classe)*

“Paciência ganha vitória. Se não tens, estás mal aqui! E nós mulheres sabemos esperar. Por isso não tem homens aqui. Isso é pra mulheres...”

(Gilda, 37 anos, solteira, 10ª classe)*

“Epah aqui é só ter paciência. O resto vais conseguindo aos poucos, porque se não tens isso não vais longe aqui. É por isso que nós mulheres resistimos aqui. Temos muita paciência...”

(Alzira, 38 anos, casada, 12ª classe)*

À luz da teoria, para entender a atitude natural dos indivíduos é imprescindível observar as tipificações que estão relacionadas com o conhecimento comum e o modo como as pessoas veem a realidade. Observando as tipificações que estruturam os conhecimentos comuns do grupo, é possível construir um saber sobre o mundo da vida (Schutz, 1972).

Nesta perspectiva, pode-se compreender que para as mulheres a *paciência* constitui um conhecimento comum que, por sua vez, se reflecte na forma como estas mulheres entendem e justificam seu envolvimento e sucesso na prática do *mukhero*. Segundo Schutz (1972) as tipificações podem ser encontradas na linguagem habitual do grupo ou comunidade.

E portanto neste caso, é possível constatar que a tipificação do conhecimento das mukheristas é a paciência como sendo característica à mulher. Esta é uma concepção criada por elas para dar sentido e significado ao mundo em que elas vivenciam.

Vale salientar que para Schutz (1972), a definição que os indivíduos trazem de seu dia-a-dia são idéias culturais que só existem nas mentes dos indivíduos que as absorvem. Estes, interpretam-nas em função de sua próprias situações de vida. Acrescenta Schutz dizendo que são estas interpretações que regulam a conduta humana no comportamento prático nos campos sociais e também nos técnicos.

No que se pode constatar nas declarações das mukheristas, para elas a qualidade de ser mulheres proporciona uma habilidade tal que permite desenvolver o mukhero com sucesso. Ora o campo técnico aqui é o mukhero onde no seu dia-a-dia as mulheres mukheristas vão desenvolvendo um ofício que segundo o que se compreende nos seus discursos consideram um campo técnico particular delas na qualidade de mulher. A este nível, vale destacar que este entendimento só é possível a medida que as mulheres mukheristas se apropriam do mesmo. E naquilo que diz Schutz (1972), a definição que os indivíduos trazem de seu dia-a-dia são ideias culturais que só existem nas mentes dos indivíduos que as absorvem.

Outro elemento constatado nas declarações das entrevistadas, está relacionado a *experiência* e *capacidade* de gestão de conflitos que os homens não teriam e por via disso, as mulheres estariam em vantagem. Senão vejamos o que algumas delas apontam:

“Aqui há muita competição entre nós... tem que saber negociar toda esta competição. Por isso os homens não gostam de fazer mukhero...”
(Carolina, 35 anos, casada, 12ª classe)*

“Pra estar aqui é preciso saber que estás numa competição onde quase todas vendemos mesmas coisas. Mas pra nós mulheres isso não é problema, pra homem é...”
(Vera, 45 anos, casada, 7ª classe)*

“Estamos numa competição, mas se por exemplo quando vamos gwevar e uma não tem dinheiro, a outra compra e depois quando se vende paga-se a quem ajudou. Entre nós mulheres aqui isso é normal, mas homens não fazem isso...”
(Gilda, 37 anos, solteira, 10ª classe)*

Schutz *apud* Wagner (1979) afirma que as estruturas do mundo vida se manifestam no conhecimento produzido socialmente e que permite aos indivíduos interpretarem-se a si mesmo e aos outros bem como o seu mundo social.

Parafraseando Schutz, o campo das experiências quotidianas das mukheristas equipou-as de um conjunto de percepções que permite com que elas não só interpretem sua facilidade com relação a capacidade de cooperar entre elas, como também a dificuldade por parte dos homens para a demonstrar.

A importância desta componente do conflito no meio observado é inerente à cooperação entre os actores sociais que participam deste tipo de comércio. Saber gerir conflito quer dizer por outras palavras ter a habilidade de apreender as regras do jogo e honra-las em nome das finalidades convergentes com os outros actores sociais tendo ao mesmo tempo a consciência da própria margem de liberdade.

A maioria das respostas que as entrevistadas deram remetem para um plano quase natural, que faz pensar uma construção social da diferença de género, que neste caso concreto se mostra na área profissional. A maioria das entrevistadas responderam como se isso dependesse de uma diferença natural que não precisa de explicações. Portanto, ao que as declarações nos indicam, estamos perante um papel de género socialmente construído: mukhero é coisa de mulher.

Até aqui, procurou-se esclarecer o carácter estratégico e intencional da participação da mulher no sector informal particularmente no mukhero. É considerando a construção social que ela faz de si mesma no seu quotidiano que ela equaciona as possibilidades de sucesso naquilo que se empenha no mundo social.

No que refere Kabeer⁸ (2001), o poder de escolher, de ter autonomia, equaciona a possibilidade ou não que as mulheres têm de tomada de decisões, enquanto mulheres, com direitos e deveres, na família, na comunidade ou sociedade. Define, por isso, um caminho próprio, e não imposto, que reconheça e respeite os direitos das mulheres no seu processo de procura de melhores condições de vida para si, para suas famílias ou comunidades (Kabeer, 2001).

Kabeer⁸ – chama a atenção para o fato de que a escolha tem conotações neoliberais fortes, mas uma outra noção de escolha está bem implícita na distinção marxista entre a “esfera da necessidade” e a “esfera da liberdade”. A escolha a que aqui se refere afasta-se da visão individualista e articula-se com o processo de empoderamento que implica mudanças ao nível individual e do modelo cultural vigente (Kabeer 2001, León 2001, Hooks 1989).

5. 4 Prática do mukhero

Este subcapítulo tem em vista mostrar a influência mútua entre o mukhero e seus praticantes. Tratando-se de uma prática comercial, o financiamento é um elemento a ter em conta. Por isso mesmo, questionou-se as mukheristas se elas participavam em algum tipo de financiamento ou poupança.

No que as entrevistadas responderam quando questionadas se faziam algum tipo de poupança, foi possível constatar que grande parte delas está envolvida em sistemas informais de poupança e ajuda mútua popularmente conhecido por *Xitique*⁹. Senão vejamos o que algumas delas contam:

“Não há ninguém que não faz Xitique aqui. Por isso estou num Xitique que faço com minhas amigas e companheiras do mercado. Aqui não se vive sozinha, temos que estar unidas todas...”
(Gilda, 37 anos, solteira, 10^a classe)*

“Hiii aqui temos que nos unir senão estamos mal. Com esse Xitique que fazemos conseguimos resolver situações logo-logo e nem precisamos de esperar muito como no banco...”
(Iolanda, 39 anos, casada, 10^a classe)*

“Todas fazem Xitique aqui! Mukherista de verdade tem que fazer Xitique. Por isso todas estamos num Xitique...”
(Juvena, 40 anos, casada, 10^a classe)*

À luz da teoria, o mundo vida tem um carácter objectivo, consistindo em uma estrutura que preexiste e continua existindo independentemente do nascimento e da morte dos membros da comunidade. A experiência vivida pelos indivíduos no meio social e a forma como a consciência intencional incorpora significados, símbolos e valores, correspondem ao mundo vida (Schutz, 1972).

Ora, sendo o mundo vida constituído por uma estrutura de conhecimentos comuns e partilhados pelos membros do grupo que vai resultar na atitude natural dos seus membros, a manifestação desta atitude natural é garantida pelas tipificações que se indetificam também através das práticas sociais tal é o caso de *Xitique* que, segundo as entrevistadas constitui um prática comum entre as mukheristas.

O Xitique segundo Trinidad (2011) consiste numa iniciativa local e saber popular parte das estratégias de sobrevivência económica e constitui alternativa ao financiamento bancário.

Como se pode constatar entre as mukheristas, o Xitique é uma prática social e constitui um saber prático que as mulheres mukheristas se usam para satisfação de seus interesses práticos no mundo vida que elas vivenciam.

Segundo Schutz (1972) dessa forma, mostra-se como as ideias culturais mais estereotipadas socialmente só existem nas mentes dos indivíduos que as absorvem, interpretam-nas em função de suas próprias situações de vida.

As múltiplas interpretações particulares, dos que compõem a concepção relativamente natural do mundo numa dada comunidade convergem para a visão comum do mundo à medida que os próprios membros de uma dada comunidade crêem que compartilham suas concepções de mundo (idem, 72). Por outras palavras, a intersubjectividade da qual Schutz se refere é garantida à medida que os indivíduos numa dada comunidade interpretam suas práticas de modo peculiar. Esta intersubjectividade é a que dá sentido a normalidade do Xitique entre as mukheristas no mercado grossista do Zimpeto.

Por outro lado, o Xitique entre as mukheristas tem sua razão de ser por outros elementos fora do quadro das práticas sociais acima mencionados. Para Cruz & Silva (2005:1), esta situação acontece por várias razões, entre as quais, a incapacidade do Estado para disponibilizar serviços sociais básicos e não haver confiança nas instituições bancárias. Assim sendo, as redes de solidariedade e os grupos de poupança, grupos de ajuda mútua ou forma de solidariedade, são meios de auto-organização e constituem iniciativas de base comunitária na origem da resolução de problemas.

No Xitique, os fundos circulam entre membros do grupo e a sua colecta e distribuição funciona, regra geral, na base de confiança e empatia, ao mesmo tempo que obriga a cada membro do grupo a fazer a poupança de um montante pré-determinado e dentro da periodicidade previamente definida: diária, semanal, quinzenal, mensal, trimestral, ou outra, para pagamento da sua quota (Trindade, 2011).

*Xitique*⁹ – é uma palavra Tsonga que se refere à uma prática endógena de poupança envolvendo sobretudo mulheres.

Outro elemento que se constatou, está ligado ainda a prática do Xitique e tem que ver com a autonomia económica que este proporciona entre as praticantes do mukhero. Isto porque o Xitique funciona como mecanismo de poupança informal e entre as mukheristas se tem revelado fundamental no alcance da autonomia económica de muitas mulheres envolvidas no sector informal. Vejamos o que algumas das entrevistadas referem a respeito de como gerenciam o seu rendimento:

“Com esse dinheiro consigo comprar minhas coisas e não fico só a espera do meu marido. Às vezes até ajudo meu marido com as contas lá de casa...”

(Vera, 45 anos, casada, 7ª classe)*

“Como tenho esse negócio aqui, com o dinheiro que ganho no Xitique compro coisinhas assim que vejo que estão em falta lá em casa e já nem dependo só do meu marido...”

(Iolanda, 39 anos, casada, 10ª classe)*

“Hoje em dia o dinheiro que recebo do Xitique com minhas amigas me ajuda muito. Consigo organizar minhas coisas avontade e do jeito que quero. Vivemos assim aqui no mercado e nossa vida anda...”

(Marta, 44 anos, casada, 10ª classe)*

Estes depoimentos são reforçados por Latouche, (2013:176), quando refere que a prática do Xitique representa uma auto-organização de um grupo social excluído do modelo de desenvolvimento liberal/ocidental, podendo-se considerar um mecanismo de desenvolvimento alternativo segundo os moldes africanos e acaba sendo um mecanismo para a solução de problemas concretos.

E mais, segundo Casimiro (2011), as formas associativas e de geração de rendimentos endógenas podem ser emancipatórias para as mulheres, permitindo-lhes o acesso, controlo e/ou partilha de recursos, a melhoria das condições materiais, a criação de condições para auto-sustentabilidade e também o acesso a cargos de direcção, fazendo emergir saberes, conhecimentos e práticas ausentes do modelo dominante.

A este nível, é possível compreender a associação indispensável do Xitique e o mukhero com vista a possibilitar uma crescente afirmação de valores tais como auto-realização, expectativas de felicidade pessoal na vida económica entre as mulheres no sector informal. Associa-se este posicionamento ao de Grassi (2001), quando afirma que é no envolvimento da mulher no sector informal que também reside a lógica das estratégias “individuais” que visam maximizar os próprios interesses da mulher não só no campo emocional e da sexualidade, mas também no campo económico. O mukhero associado ao Xitique ajuda as mukheristas a se auto-realizarem economicamente.

5. 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta etapa diz respeito ao estágio último da pesquisa, que consiste em arrolar de forma clara e objectiva os principais elementos que se constatarem aquando da realização da pesquisa. Utilizando o estudo de caso das mukheristas do mercado Grossista do Zimpeto, com a presente pesquisa, procurou-se compreender a participação da mulher no sector informal, incidindo o olhar nos factores que propiciam a reafirmação de género decorrente do envolvimento da mulher neste sector da economia.

Por um lado, procurou-se compreender como o mukhero propicia a reafirmação do género. E, por outro, descrever como as mulheres entendiam seu envolvimento com o mukhero, em particular identificando o carácter estratégico que elas se usam para garantir sua reafirmação no espaço profissional, garantindo deste modo a satisfação dos interesses da mulher no campo económico, sem deixar de cumprir de forma eficaz seu papel social no espaço doméstico.

Para se atingir os objectivos, partiu-se da hipótese segundo a qual, quanto mais bem-sucedida a mulher no mukhero, mais autonomia económica ela ganha no espaço profissional e afirma sua identidade feminina no espaço doméstico.

No que diz respeito as motivações à entrada das mulheres no mukhero constatou-se três factores que se inter-relacionam, a saber: falta de emprego ou rendimento sustentável (no caso daquelas que tem outras ocupações), ingresso através das laços sociais fortes e por fim a facilitação de procedimentos não só para entrar no mukhero, como também nas fronteiras estando estas mulheres já envolvidas no mukhero.

A falta de emprego foi um factor que pesou sobre muitas entrevistadas o que fez com que a dada altura sentissem a necessidade de desenvolver uma actividade que as pusesse a produzir e que de alguma forma pudesse oferecer um rendimento estável; por sua vez, os laços sociais fortes serviram de agente motivador às mulheres para entrada no mukhero a medida que, enquanto indivíduos, sua consciência é sobre o mundo vida que é todo campo das experiências quotidianas, das acções através das quais elas buscam resolver seus interesses. Trata-se de um mundo intersubjectivo a todas elas no qual elas têm um interesse prático. Assim sendo, constatou-se que os laços sociais fortes que as mulheres mantem no seu quotidiano reforçaram seu interesse (consciência) e por fim levaram com que estas buscassem responder a seus

interesses – ter um ofício, que não é um interesse teórico, mas sim prático; por último, no quadro das motivações segue-se a facilitação dos procedimentos. Aqui constatou-se que o espírito de iniciativa feminina em aproveitar as oportunidades deste sector da economia, resulta e justifica-se em larga medida às facilidades de acesso ao mercado informal de trabalho motivado pela não exigência de qualificações ou quase não existência de processos burocráticos: as mulheres sabem que tem mais possibilidades de arranjar emprego no sector informal da economia. Isto deve-se a uma simplificação de procedimentos não só para entrar, como também no proceder do mukhero. Diante deste cenário há que sublinhar a intencionalidade por parte das mulheres ao ingressar no mukhero pois, elas estão conscientes das chances de sucesso existentes neste sector.

No que diz respeito as estratégias de reafirmação, constatou-se que não obstante desenvolverem um ofício fora do espaço doméstico, ainda assim, sua participação no espaço doméstico não estaria aquém do esperado. Isto porque, o facto de elas serem donas e senhoras do seu próprio negócio lhes dava espaço para que com maior facilidade dedicassem sua atenção aos lares e, ao mesmo tempo garantirem uma fonte de rendimento através do mukhero.

Apesar da variedade, coincidência de tarefas e insuficiência de tempo, resultantes da divisão de trabalho na sociedade, as mulheres tem conseguido fazer face as dificuldades socioeconómicas e culturais, levando sustento e melhor qualidade de vida para si e suas famílias valendo-se de diversas estratégias que lhes possibilitam gerar rendimentos através de actividades produtivas tal é o caso do mukhero.

Outro elemento a considerar no quadro estratégico do envolvimento da mulher no mukhero, tem que ver com a negociação do poder desigual na tomada de decisões pois, a saída da mulher da esfera privada para entrar na área produtiva favorece uma emancipação da mulher e é fora da esfera privada que se formam as identidades de género capazes de criar uma negociação da tradicional dominação masculina. A sua incorporação no mercado de trabalho, estruturado ou não, permite estabelecer uma nova relação com o social, oferecendo à mulher uma base para a sua valorização individual e social, a possibilidade de maior protagonismo nas instâncias de tomada de decisão o que não acontece, a maior parte das vezes, com o trabalho doméstico. Com o mukhero, a mulher possui o poder decisório no espaço profissional decidindo não só pela sua carga horária de trabalho, como também sobre o que seus trabalhadores devem fazer.

Por outro lado, este triunfo das mulheres no sector informal é sustentado pelas tipificações que estão relacionadas com o conhecimento comum e o modo como elas vêem a realidade. Naquilo que se constatou das mukheristas, a paciência, experiência e capacidade de gestão de conflitos são os alicerces do seu sucesso no sector informal, pois para elas, estas são qualidades características à mulher e não ao homem. Nesta perspectiva, para as mukheristas a *paciência*, *experiência* e *capacidade de gestão de conflitos* que os homens não teriam, constitui um conhecimento comum que, por sua vez, se reflecte na forma como estas mulheres entendem e justificam seu envolvimento e sucesso na prática do mukhero, levando assim a um papel de género socialmente construído: mukhero é coisa de mulher.

No que diz respeito a prática do mukhero constatou-se que entre as mukheristas, o Xitique consiste numa prática social e constitui um saber prático que as mulheres mukheristas se usam para satisfação de seus interesses práticos no mundo vida que elas vivenciam e para o qual está centrada sua consciência. Ora, o mundo vida tem um carácter impessoal, consistindo em uma estrutura que preexiste e continua existindo independentemente do nascimento e da morte dos membros da comunidade, por isso mesmo para as mukheristas o mukhero se mostra vital no desempenho de suas actividades.

Outra constatação que se fez, tem que ver com a autonomia económica que o Xitique proporciona entre as praticantes do mukhero. Isto porque, o Xitique funciona como mecanismo de poupança informal e entre as mukheristas se tem revelado fundamental no alcance da autonomia económica de muitas mulheres envolvidas no sector informal. Diante deste cenário é possível compreender a associação indispensável do Xitique e o mukhero com vista a possibilitar uma crescente afirmação de valores tais como auto-realização, expectativas de felicidade pessoal na vida económica entre as mulheres no sector informal.

Por último, compreende-se que é no envolvimento da mulher no sector informal que reside a lógica das estratégias “individuais” que visam maximizar os próprios interesses da mulher no campo económico propiciando assim a reafirmação do género. Este facto leva com que a hipótese levantada seja validada, pois quanto mais bem-sucedida a mulher no mukhero, mais autonomia económica ela ganha no espaço profissional e por outro lado afirma sua identidade feminina no espaço doméstico.

5.6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, Alice Rangel de P. (1995). *América Latina. Globalización, Género y Trabajo*. Isis Internacional e Centro de Estudios de la Mujer, Santiago-Chile.
- Andrade, Ximena et al. (1998). *Famílias em contexto de mudanças em Moçambique – mulher no mercado informal*. Maputo: Imprensa universitária.
- Bergson, Henri. (1979). *Fenomenologia e Relações Sociais-Textos escolhidos de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- Brito, Luis de. (2002). *Os Condenados de Maputo*. Maputo: Programa PNUD de Apoio ao Sector da Justiça.
- CASIMIRO, Isabel. (2011). *Empoderamento económico da mulher, movimento associativo e acesso a fundos de desenvolvimento local*. UEM. Maputo: CEA.
- Cenci, A. V. (2002). O que é a ética? Elementos em torno de uma ética geral. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.veramenezes.com/etica.htm> Acedido a 17 de Julho de 2017.
- Chivangue, Andes Adriano. (2012). *Mukhero em Moçambique: Análise das Lógicas e Práticas do Comércio Informal*; Lisboa.
- Cordeiro, Cláudia M. Neves. (2013). *Trabalho feminino: formalidade X informalidade*. PUC-RIO.
- Da Silva, Benedita et al. (2006). Para além das desigualdades. Maputo e Harare: SARD
- Da Silva, Terezinha et al. (2000). Para além das desigualdades. Maputo e Harare: SARDC
- Giddens, Anthony. (2000); *Manual de Sociologia*. Campiche: Alianza editorial.
- Gil, António Carlos. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Granovetter, M. (1973). The Strength of weak ties. The American journal of sociology. Chicago. Disponível em <http://www.publicidadedigital.fa.com.ufba.br/blog/?p=325> Acedido a 10 de Julho de 2017.
- Grassi, Márcia. (2001). *A questão do género no sector informal*. Porto: Africana Studia.

July, Paulo. (2003). Ciência e Cultura. São Paulo. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-6725003000300019&script=sciarttext>
Acedido a 17 de Julho de 2017.

Macamo, Elísio. (2004). *A leitura Sociológica - Um manual introdutório*. Maputo: Imprensa Universitária.

Marconi, Mariana de Andrade & Lakatos, Eva Maria. (2009). *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas.

Minayo, M.C de S. (2010). O desafio do conhecimento: pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo. Disponível em <http://psicogado.com/psicologia-geral/introducao/metodo-de-pesquisa-qualitativa-usos-e-possibilidades> Acedido a 10 de Julho de 2017.

Nogueira, Oracy. (1997). Pesquisa social – introdução às suas técnicas; São Paulo. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252003000300019&script=sci_arttext
Acedido a 12 de Julho de 2017.

Quivy, Raymund e Campenhout, Luc Van. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, Maria do Céu et al. (1992). *Estudos Moçambicanos*. Maputo: Minerva Central

Richardson, Roberto Jarry. (1999). *Pesquisa Social-Métodos e Pesquisa*. São Paulo: Atlas

Schutz, Alfred. (1972). *Fenomenologia del mundo social: introduccion a la sociologia comprensiva*. Buenos Aires.

Selltiz, Claire et al. (1972). *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo.

Tembe, Cirilo. (2009). “O Sector Informal em Moçambique: caracterização do perfil sociodemográfico dos trabalhadores deste sector”. In *O Sector Informal em Moçambique*. Maputo.

Wagner, H. R. (1983). *Alfred Schutz: An Intellectual Biography*; Chicago & London.

ANEXOS

Guião de Entrevista

I - Dados sócio demográficos

Idade

Naturalidade

Bairro de residência

Nível de escolaridade

Estado Civil

Número de filhos

II - Percepções sobre o mukhero

Como entrou para o negócio do mukhero?

O que te levou a entrar para o mukhero?

O que acha que leva muitas mulheres a entrar para o mukhero e não outro tipo de atividade?

Ha quanto tempo está a fazer mukhero?

Tinha outra atividade antes de entrar para o mukhero? Se sim, qual era?

III - Estratégias de reafirmação

Sendo mulher, como você se vê nesse espaço (sector informal)?

Consegue lidar com o ambiente corrido do mercado e ao mesmo tempo cumprir com as atividades domésticas?

Faz parte de alguma associação de mukheristas?

Como consegue manter-se no seu negócio num ambiente de concorrência como este?

Que tipo de investimento faz com o dinheiro que ganha deste negócio?

IV - Prática do mukhero

Tem algum incentivo para continuar a praticar mukhero?

Que tipo de incentivo recebe se for o caso?

Faz algum tipo de poupança?

Quem define o uso do rendimento que tem do mukhero?